

Atos

Vidas Transformadas — Com a Ajuda de Deus (16:13–40)

Quando Paulo, mais tarde, referiu-se ao seu trabalho em Filipos, ele o chamou de “o início do evangelho” (Filipenses 4:15); quando cruzou o Mar Egeu, pensou nisso como um recomeço¹. Essa nova fase do trabalho de Paulo é celebrada no Livro de Atos não só com um, mas com dois relatos de conversões, que podem ser consideradas “conversões-pontes”, por terem aberto as portas de um novo continente. Estudamos a primeira delas na lição anterior: a conversão de Lídia. Agora, estudaremos a segunda: a conversão de um carcereiro romano. Também observaremos que entre os dois relatos está a história de um outro indivíduo, cuja vida foi transformada para sempre.

Como o intuito de ajudá-lo a apreciar o impacto deste estudo, visualize o que você considera “um candidato perfeito” para o evangelho. Se você estivesse procurando alguém para ensinar, quais seriam as características dessa pessoa? Talvez você esteja pensando num indivíduo específico que gostaria de trazer para Cristo. Esse “candidato perfeito” se parece com você? Provavelmente, o seu “candidato perfeito” é bem parecido com você. Quando procuramos alguém para partilhar o evangelho, nossa tendência é procurar alguém da mesma raça, condição social e estado civil. Sentimo-nos confortáveis com pessoas parecidas conosco.

O desafio desta lição consiste em expandir-

mos nossa visão evangelística para ver o potencial em todas as pessoas. Atos 16 declara que o evangelho é para todos e que, com a ajuda de Deus, a vida de qualquer um pode ser transformada — independente de qual seja sua formação.

UMA MULHER DE NEGÓCIOS INSISTENTE (16:13–15)

Na lição anterior, vimos o evangelho transformar a vida de uma bem sucedida mulher de negócios, chamada Lídia. Usei o termo “uma mulher de negócios insistente” porque, quando ela ofereceu hospedagem a Paulo, Silas, Timóteo e Lucas, mostrou que não aceitaria “não” como resposta. Era uma mulher independente e enérgica. O produto que ela vendia (tecido de púrpura real) aliado à sua situação econômica (uma casa grande e vários servos) indicam que era uma representante da alta sociedade de Filipos. Não demorou muito, porém, para Paulo descer do topo da escala social filipense para a base.

UMA ESCRAVA ENDEMONINHADA IRRITANTE (16:16–22)

Em 16:12, Lucas observou: “Nesta cidade, permanecemos alguns dias”. Durante esse tempo, Paulo e os outros converteram uma série de pessoas (v. 40) e estabeleceram uma congregação (Filipenses 1:1). Em 16:16–22, porém, Lucas muda subitamente a narrativa para um incidente perto

¹A NVI traz “nos seus primeiros dias do evangelho”, mas o termo “seus” não consta do texto original.

do fim do trabalho inicial de Paulo em Filipos. O versículo 16 diz: “Aconteceu que, indo nós para o lugar de oração, nos saiu ao encontro² uma jovem possessa de espírito adivinhador, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores”.

“O lugar de oração” provavelmente refere-se aos diques do rio Gangites (16:13), onde haviam encontrado Lídia e outras mulheres. Talvez estivessem indo até lá para orar; talvez, para ver se encontravam outros corações retos. A caminho dali, encontraram “uma jovem possessa de espírito adivinhador”. Mudar da história de Lídia para a história dessa jovem escrava é mudar da alta classe social para a mais baixa. Uma escrava não era considerada uma pessoa; era uma propriedade — como uma casa, um móvel, ferramentas.

Essa serva em particular tinha “um espírito adivinhador”. O texto grego tem literalmente “um espírito de um *píton*³”. Na mitologia grega, o deus Apolo matou Píton, cujo espírito havia dominado o oráculo feminino em Delfos. Conseqüentemente, quando as pessoas criam que uma mulher tinha poderes semelhantes aos do oráculo de Delfos, diziam que esta possuía “o espírito de Píton⁴”. O uso que Lucas faz da expressão não significa que ele acreditava na lenda; estava usando uma linguagem figurada. A jovem tinha um espírito imundo, tal qual os de Atos 5:16 e 8:7⁵; estava possuída por um demônio⁶. Aparentemente, os demônios sabiam, por instinto, de alguns fatos que os mortais desconheciam⁷, e esse conhecimento anormal impressionava as multidões. Por isso a jovem possessa podia “dar grande lucro aos seus senhores”.

Embora a expansão do cristianismo, invariavelmente, tenha enxugado muitas crenças irracionais⁸, nos últimos anos, temos visto um renascimento da superstição. Adivinhadores, leitores de mão, videntes de bolas de cristal, intérpretes de horóscopo, médiuns, os que se proclamam parapsicólogos e os “canalizadores”⁹ existem em abundância — e todos se alimentam dos ignorantes e ingenuamente crédulos. É desnecessário dizer que um cristão evita tais pessoas e suas práticas, estimulando outros a fazer o mesmo.

Quando os missionários encontraram a jovem com espírito imundo, aparentemente, tentaram ignorá-la. A jovem recusou-se a ser ignorada. Ela os seguiu e “clamava, dizendo: Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação” (v. 17). Essas palavras nos lembram as do endemoninhado geraseno que chamou Jesus de “Filho do Deus Altíssimo” (Marcos 5:7). O demônio que se apossou da menina sabia quem eram os missionários e qual era o propósito deles em Filipos¹⁰. Tiago disse que “os demônios crêem e tremem” (Tiago 2:19).

Todos os dias, aonde quer que Paulo e seus companheiros fossem, essa escrava estava lá, anunciando para a multidão, em alta voz: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo”. Lucas disse que “isto se repetia por muitos dias” (Atos 16:18a). Finalmente, Paulo não agüentou mais. “Então, Paulo, já indignado¹¹, voltando-se, disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, eu te mando: retira-te dela. E ele, na mesma hora, saiu” (v. 18b).

Essa passagem produz duas perguntas:
1) Por que Paulo ficou indignado enquanto ela

²Lucas continuou a usar a primeira pessoa para indicar que estava presente quando esses fatos aconteceram. ³Píton é uma serpente gigantesca que se enrola nas vítimas, moendo-as. ⁴De acordo com pelo menos um escritor antigo, o termo “píton” também referia-se a “um ventríloquo”, fato sempre destacado pelos escritores modernos — mas é possível que tenham confundido o significado do termo naqueles dias. Hoje usamos o termo para alguém que é capaz de “falar sem abrir a boca” e isso seria muito útil para um charlatão: poderia fazer parecer que imagens estavam falando, que os deuses estavam falando do alto, etc. Mas a palavra “ventríloquo” significa literalmente “falar do ventre”; nos tempos bíblicos, provavelmente referia-se à superstição de que os espíritos tomavam os corpos dos profetas e falavam de dentro deles (i.e., do ventre). ⁵Veja as notas a esses versículos. ⁶Veja o artigo suplementar “Demônios: Seres Sobrenaturais Malignos”. ⁷Isto é evidente na presente história. Sob a influência de um espírito imundo, ela sabia que Paulo e os demais eram servos do Deus Altíssimo. Observe que os demônios *não* eram oniscientes. Mas, não demorou muito para impressionarem os que acreditavam em adivinhações. ⁸Refiro-me ao cristianismo revelado no Novo Testamento. Algumas formas chamadas de “cristianismo” têm promovido superstições, em vez de bani-las. ⁹Por “canalizadores” refiro-me aos que alegam que os poderes e as vozes de entidades poderosas são canalizados através deles. ¹⁰O termo “Deus Altíssimo” também era usado pelos gregos em referência a Zeus. O grego traduzido por “salvação” também tinha uma variedade de significados. É possível que os que ouviram a jovem tenham entendido mal o significado pleno de suas palavras; mas, como o Novo Testamento indica que os demônios estavam muito cientes do Deus verdadeiro e Seus servos, é improvável que ela tivesse conceitos pagãos em mente quando referiu-se a Paulo e aos demais. ¹¹O grego traz “imensamente inquieto”. A ERC traz “perturbado”.

falava a verdade? Evidentemente, Paulo não queria que parecesse que os missionários tinham qualquer ligação com um indivíduo endemoniado¹². Tal impressão poderia repercutir a favor dela e contra eles. 2) Por que, então, Paulo esperou tanto para expelir o demônio? Talvez ele previsse as conseqüências (v. 19). A jovem era uma propriedade valiosa. Se ele expelisse o demônio, aos olhos dos donos, ele estaria destruindo uma propriedade valiosa¹³.

Qualquer que tenha sido o processo mental de Paulo, por fim, ele teve pena da jovem. Ordenou que o espírito a deixasse em nome de Jesus — e ele o fez “na mesma hora”. Você consegue imaginar como aquela garota se sentiu? Por anos, ela fora prisioneira de um espírito das trevas; agora, estava livre! Por anos, sua mente fora o parque de diversões do diabo; agora, ela estava em seu juízo perfeito (Marcos 5:15)! Como eu gostaria de saber o que aconteceu a ela. Gostaria de saber se ela agiu baseada nas verdades que dissera anteriormente, tornando-se cristã. Mas Lucas desviou, imediatamente, as atenções para os senhores da escrava (v. 19). Apesar disso, a *transformação* que ocorreu na vida dessa jovem era visível.

O versículo 19 começa assim: “Vendo os seus senhores que se lhes desfizera a esperança do lucro...” Lucas usou um trocadilho: no texto original, a palavra traduzida por “saiu” no versículo 18 também é usada no versículo 19, traduzida por “desfizera”. Lucas literalmente disse que quando o espírito imundo se foi, o lucro deles também se foi. Se você quer ganhar um inimigo, mexa no bolso dele.

Os donos da escrava, “agarrando em Paulo e

Silas¹⁴, os arrastaram para a praça, à presença das autoridades”¹⁵ (v. 19b). A “praça” era a principal da cidade, um espaço amplo calçado de pedras e cercado de colunas majestosas, prédios de mármore, lojas e templos¹⁶. Os gregos a chamavam de “*agora*”¹⁷, e os romanos, de “*forum*”. De um lado ficava uma grande plataforma de mármore usada para discursos e cerimônias. Nessa ocasião, serviu de tribunal¹⁸.

“E, levando-os aos pretores¹⁹, disseram: Estes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade” (v. 20a), os donos da escrava nada disseram sobre o motivo real por prenderem Paulo e Silas: seu prejuízo financeiro. Em vez disso, disseram: “Estes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade, propagando costumes que não podemos receber, nem praticar, porque somos romanos” (vv. 20b, 21). Os acusadores de Paulo e Silas “deram três disparos emocionais eficazes: 1) o anti-semitismo²⁰ (‘sendo judeus’), 2) a decência e a ordem²¹ (‘perturbam a nossa cidade’) e 3) o nacionalismo²² (‘propagando atividades não romanas’)”²³.

Um julgamento na praça sempre atraía uma multidão²⁴. As acusações foram calculadas para agitar os ouvintes e obtiveram o efeito desejado. “Levantou-se a multidão, unida contra eles [Paulo e Silas]” (v. 22a). Para aplacar a multidão, talvez para evitar um motim, “os pretores, rasgando-lhes as vestes [de Paulo e Silas], mandaram açoitá-los com varas” (v. 22b).

Os açoites teriam sido administrados pelos homens chamados “oficiais de justiça” nos versículos 35 e 38²⁵. A palavra “oficiais de justiça” é traduzida do grego que significa literalmente “portadores de varas”²⁶. Esses homens acom-

¹²Jesus não permitiu que os demônios testificassem em Seu favor (Marcos 1:24, 25, 34). ¹³Personalize isso conforme a região em que você mora: imagine alguém lançando uma marreta na peça mais valiosa que os seus ouvintes possuem. ¹⁴Não sabemos por que agarraram Paulo e Silas e não, Lucas e Timóteo. Um palpite é que Paulo e Silas tinham a aparência de judeus (Lucas era gentio e Timóteo, meio-gentio) (v. 20). A explicação provavelmente é mais simples: era Paulo que eles estavam observando, e Silas simplesmente estava junto de Paulo, quando o pegaram. ¹⁵“Autoridades” é diferente de “pretores” (v. 20), permitindo se especular que eles foram primeiro levados a oficiais menores e depois aos superiores. Mas, os termos podem ser duas maneiras diferentes de se referir aos mesmos homens. ¹⁶Por anos, quando eu lia a palavra “praça” na Bíblia, pensava numa vasta praça de uma cidade próspera. O centro de Filipos foi escavado. É grande, medindo certa de meio campo de futebol. ¹⁷O grego traduzido por “praça” no v. 19 é *agoran*. ¹⁸O grego para plataforma era *bema* (veja as notas a 18:12). O *bema* em Filipos foi escavado e está ao norte do *agora*. ¹⁹Mais uma vez Lucas usou exatamente o termo político correto para se referir às autoridades locais. ²⁰Obviamente, os judeus não eram bem aceitos em Filipos. No capítulo 18, observaremos que os judeus foram expulsos de Roma (v. 2). Talvez isso já tivesse acontecido, e os sentimentos contra os judeus estivessem aumentando acima do normal nas colônias romanas. ²¹Manter a ordem pública era uma prioridade da lei romana. ²²Lembre-se: os cidadãos das colônias romanas geralmente eram mais romanos do que os da própria Roma. ²³Ken R. Durham, “Scenes at Philippi” (“Cenas em Filipos”), *Acts, the Spreading Flame* (“Atos, a Chama que se Espalhou”). Searcy, Ark.: Harding University, 1989, p. 189. ²⁴Veja as notas a 17:5 na lição “À Procura de Corações Retos”. ²⁵A ERC traduz o termo por “quadrilheiros” e a NVI, por “soldados”. Nenhuma dessas traduções expressa completamente a idéia de tal função. ²⁶Os romanos os chamavam de “lictiores”.

panhavam os pretores e carregavam um feixe de varas de madeira amarrado com cordas vermelhas. Essas varas eram mais ou menos da espessura de um polegar. No centro do feixe havia um machado²⁷. Simbolicamente, esse feixe servia para representar a autoridade romana e, em termos práticos, era o meio de se administrar a justiça romana instantânea. Por anos, esse símbolo pôde ser visto, por exemplo, na moeda norte-americana de dez centavos²⁸.

Nos açoitamentos romanos, as roupas do castigado eram arrancadas. As costas sempre ficavam expostas; geralmente, a vítima ficava totalmente nua e as varas o acertavam da cabeça aos pés. Os açoitamentos judaicos eram limitados a trinta e nove chibatadas (2 Coríntios 11:24); o número de golpes nos açoitamentos romanos ficava a critério do oficial em serviço. Lucas simplesmente disse: “depois de lhes darem muitos açoites...” (v. 23).

Deve-se notar que era ilegal surrar um cidadão romano. Cícero disse: “É delito espancar um cidadão romano, é crime castigá-lo e quase um parricídio levá-lo à morte”²⁹. Por que, então, Paulo e Silas não informaram os pretores a respeito da cidadania romana de ambos (16:37), escapando de tal tratamento? Talvez tenham tentado, mas as autoridades não puderam ouvi-los; afinal, as circunstâncias eram caóticas³⁰.

Marque esse açoitamento; ele tem um significado especial, pois foi a primeira perseguição a cristãos instigada por gentios.

UM CARCEREIRO ROMANO IRREVERENTE (16:23–40)

Prisão (vv. 23, 24)

“Depois de lhes darem muitos açoites, os lançaram no cárcere, ordenando ao carcereiro que os guardasse com toda a segurança” (v. 23). Somos, assim, apresentados à terceira pessoa do capítulo 16 cuja vida foi transformada pelo

Senhor. Era de praxe Roma enviar soldados reformados para povoar suas colônias, por isso alguns especulam que o carcereiro teria sido um veterano do exército romano, representante da vigorosa classe média de Filipos. Chamei-o de “carcereiro romano irreverente” por não haver nenhuma prova de seu interesse por questões espirituais, até que fosse despertado por um terremoto.

O carcereiro recebeu ordens para “guardar [Paulo e Silas] com toda a segurança”. Seu zelo excessivo em cumprir tal função pode indicar que ele tinha uma natureza um tanto sádica. “Este, recebendo tal ordem, levou-os para o cárcere interior” (v. 24a). O cárcere interior não tinha ar fresco nem luz; destinava-se aos criminosos mais embrutecidos e perigosos. Pense num calabouço — escuro, úmido, sujo, infestado de ratos — e você chegará perto. O carcereiro, todavia, não se satisfaz com toda aquela segurança. Ele também “lhes prendeu os pés no tronco” (v. 24b). A vítima ficava sentada no chão, suas pernas eram afastadas ao máximo uma da outra, a seguir, os pés eram presos no tronco. O tronco nos pés não era só um aparato para constranger; era também um instrumento de tortura. O que quer que o carcereiro tenha aprendido no exército não incluía bondade.

Paulo e Silas sentaram-se na escuridão opressiva; com os pés presos, começaram a sentir câibras nas pernas, incapazes sequer de inclinar-se para trás por causa dos cortes profundos e sangrentos nas costas (v. 33). O desconforto e a aflição foram assim riscados na alma de Paulo. Posteriormente, ele escreveu sobre o açoitamento com varas (2 Coríntios 11:25³¹) e sobre seu sofrimento e maus tratos em Filipos (1 Tessalonicenses 2:2).

As horas avançavam devagar, tão devagar. Quando anoiteceu, o carcereiro foi dormir; seu sono não foi interrompido por remorso algum dos maus tratos para com seus prisioneiros³².

²⁷Vi esse símbolo — um feixe de varas com um machado no meio — em estátuas em várias partes da Europa. ²⁸Esse também foi o símbolo usado na Itália, durante a Segunda Guerra por Mussolini, na tentativa de aproveitar o misticismo do antigo Império Romano. ²⁹Citado por J.W. McGarvey, *New Commentary on Acts of Apostles* (“Novo Comentário de Atos de Apóstolos”). Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., p. 107. ³⁰Alguns sugerem que Paulo esperou até o versículo 37 para falar de sua cidadania romana, para que o fato tivesse maior peso político. Parece mais razoável que Paulo tenha tentado identificar-se como um cidadão romano quando ele e Silas foram açoitados, mas, por alguma razão, ou ele não foi ouvido ou não acreditaram nele. É possível que os pretores tenham dado a sentença e logo em seguida tenham saído, afastando-se da horrível cena. ³¹Esse açoitamento em Filipos foi apenas um dos que ele enfrentou. ³²O fato do carcereiro aparentemente estar armado com espada (v. 27) indica que ele deve ter dormido em serviço (completamente fardado) dentro do cárcere. É possível, porém, que ele estivesse dormindo em algum alojamento por perto, talvez na área externa da prisão, e tenha agarrado o cinto e embainhado a espada ao sair do apartamento.

Depois do que pareceu a Paulo e Silas uma eternidade agonizante, chegou a meia-noite.

Louvor (v. 25)

E se você e eu estivéssemos no cárcere interior, com as costas em carne viva, os pés presos em troncos — o que estaríamos fazendo à meia-noite? Chorando? Reclamando? Lucas escreveu: “Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam”³³ (v. 25a). Não pense que Paulo e Silas cantaram porque seus corpos cessaram de suplicar por alívio. Cantavam apesar das circunstâncias³⁴. Qualquer um pode cantar louvores a Deus quando as coisas estão dando certo; mas é preciso fé para louvar a Deus quando tudo está dando errado³⁵. Mais tarde, Paulo desafiou os cristãos de Éfeso a louvar ao Senhor, “*dando sempre graças por tudo*” (Efésios 5:19, 20; grifo meu). Paulo demonstrou essa qualidade dentro de uma cela em Filipos.

Lucas observou que os outros prisioneiros “escutavam” (v. 25b). Os demais prisioneiros, sem dúvida, costumavam ouvir gritos e xingamentos do cárcere interno, mas nunca tinham ouvido orações e louvores antes.

Poder (vv. 26–30)

O concerto da meia-noite foi subitamente interrompido, quando “sobreviu tamanho terremoto, que sacudiu os alicerces da prisão” (v. 26a). Filipos estava localizada num território passível de terremotos³⁶. Não sei qual foi a marca desse terremoto na escala *richter*, mas, para ter sacudido os alicerces da prisão, deve ter sido de fato “tamanho”. O terremoto foi tão violento que fez as portas se abrirem e rachou as paredes, soltando os ferrolhos das cadeias dos prisioneiros. “Abriram-se todas as portas, e soltaram-

se as cadeias de todos” (v. 26b). O terremoto pode ter sido um fenômeno natural ou não³⁷, mas ninguém na prisão duvidava que ele fora enviado dos céus, em resposta aos cânticos durante a noite.

O abalo fez o carcereiro despertar de um sono profundo. Firmou os pés no chão e, sob a luz sombria, pôde ver os portões entreabertos. “O carcereiro despertou do sono e, vendo abertas as portas do cárcere, puxando da espada, ia suicidar-se, supondo que os presos tivessem fugido” (v. 27). Se o responsável por um prisioneiro deixasse este fugir, a lei romana decretava que o responsável recebesse o castigo que o prisioneiro receberia³⁸. Ao que parece, um ou mais prisioneiros daquele cárcere haviam recebido sentença de morte. Se tivessem fugido como o carcereiro pensou, ele seria executado no lugar deles. Tendo decidido fazer o que considerava “a saída honrosa”, o diretor do presídio iniciou seu suicídio.

Entenda-se que esta era uma filosofia pagã, não bíblica. O suicídio nunca fora “a saída honrosa” para o povo de Deus. Os psicólogos dizem que as pessoas cometem suicídio porque acreditam que todas as portas tenham se fechado para elas, exceto a porta da morte. Mas os filhos de Deus sabem que por pior que seja sua situação, Deus sempre proverá “livramento” de modo que possam “suportar” a dor (1 Coríntios 10:13).

Quando o carcereiro desembainhou a espada para cravá-la no peito, “Paulo bradou: Não te façam nenhum mal, que todos aqui estamos!” (v. 28)³⁹. O carcereiro não acreditou. “Tendo pedido uma luz⁴⁰, entrou precipitadamente” (v. 29a) para averiguar por si mesmo. Para seu espanto, as palavras de Paulo eram verdadeiras⁴¹. O texto ocidental diz que o carcereiro rapidamente “prende os demais prisioneiros”. Então, “trê-

³³Se eu sentisse vontade de cantar, seria um “blues”, mas eles cantaram louvores. ³⁴Será que o fato de Lucas mencionar que eles cantaram à “meia-noite” significa que Paulo e Silas tiveram de corrigir suas atitudes um pouco, antes que conseguissem orar e cantar? Não sei. ³⁵A fé em Deus é a chave. Deus continua sendo o mesmo. Se Ele é digno de nosso louvor quando tudo parece dar certo em nossas vidas, também é digno de louvor quando tudo parece dar errado. ³⁶Em todos os lugares por onde passei na Turquia e na Grécia, vi evidências de poderosos terremotos no passado. ³⁷De uma forma ou outra, os anjos provavelmente estavam envolvidos — como já estiveram em duas libertações de prisão divinas anteriores (Atos 5:19; 12:7, 10, 11). ³⁸Veja Atos 12:19. ³⁹Como Paulo pôde ver o carcereiro e este não o pode ver? Como Paulo sabia que ninguém escapara? Como tais detalhes não eram pertinentes à história de Lucas, ele não os incluiu. Talvez os olhos de Paulo tenham se ajustado melhor à escuridão do que os do carcereiro. Talvez Deus tenha lhe concedido um conhecimento sobrenatural da situação. ⁴⁰Isto indica que outros guardas estavam em serviço, ou pelo menos estavam por perto. ⁴¹Por que os demais prisioneiros não fugiram da prisão diante de tal oportunidade? Talvez estivessem momentaneamente perplexos pelo que acontecera. Talvez Paulo tenha lhes pedido para ficarem e tiveram medo de não consentir com seu pedido. Talvez Deus os tenha conservado no lugar pelo Seu poder. Novamente, esse detalhe não é pertinente à história de Lucas, não sendo por ele incluído.

mulo, prostrou-se diante de Paulo e Silas” (v. 29b). Sua alma foi abalada mais violentamente do que o cárcere. Quando Paulo e Silas foram trazidos à sua guarda, eram agitadores inferiores, criminosos insignificantes a quem dariam uma lição. Agora, a seqüência dramática dos acontecimentos convenceu-o de que esses homens dominavam uma Força mais poderosa do que qualquer outra que ele já havia conhecido⁴².

“Trazendo-os para fora” da prisão (v. 30a), aparentemente para o seu próprio alojamento (v. 32), perguntou-lhes: “Senhores, que devo fazer para que seja salvo?” (v. 30b). Tais palavras suscitam muitas perguntas: por exemplo, o que o carcereiro quis dizer, exatamente, com “salvo”? Ele sabia o suficiente sobre o ensino bíblico para usar a palavra “salvo” como nós? Ou, tratava-se apenas de um grito desesperado de um pagão, temeroso do Poder sob o controle dos missionários e ansioso por ser salvo das conseqüências de tê-los tratado tão mal?

Além disso, se o carcereiro de fato possuía um conceito próprio de salvação, por que ele pensou que Paulo e Silas poderiam satisfazer a sua dúvida? Será que a notícia da pregação deles havia chegado aos seus ouvidos anteriormente? Será que os que trouxeram Paulo e Silas à prisão lhe contaram que a jovem escrava dissera que eles eram “servos do Deus Altíssimo e... anunciavam o caminho da salvação” (v. 17)? Será que Paulo e Silas disseram-lhe alguma coisa, quando ele prendeu os pés deles no tronco? Ou ele sabia, por instinto, que aqueles homens podiam ajudá-lo? Não podemos dar repostas precisas, mas esta é bastante clara: esse pagão irreverente foi abalado até o coração. Ele esteve à beira da morte, olhando para sua densa escuridão e o que viu o apavorou! “Senhores”, clamou ele, “que devo fazer para que seja salvo?”

Pregação (v. 31)

Independente do que o carcereiro quis dizer com tais palavras, elas proporcionaram a abertura perfeita para Saulo e Silas. “Crê no Senhor Jesus e serás salvo tu e tua casa” (v. 31). Perante o Sinédrio, Pedro enfatizara que a salvação encontra-se somente em Jesus Cristo, “porque abaixo

do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (4:12). O carcereiro só poderia ser salvo por intermédio de Jesus.

Às vezes, as pessoas imaginam por que o carcereiro não recebeu a mesma resposta que foi dada aos judeus no Pentecostes, quando perguntaram o que fazer (2:37): “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (2:38). Alguns podem perguntar por que ele não recebeu a mesma resposta dada a Saulo, quando perguntou: “Que farei, Senhor?” (22:10); a saber: “Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele” (22:16). Veja novamente as respostas dadas aos judeus no Pentecostes e a Saulo: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (2:38; grifo meu). E: “Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele” (22:16; grifo meu). Fazer algo em nome de Jesus, ou invocar o nome de Jesus, pressupõe que se saiba quem é Jesus e se creia nEle. O carcereiro não tinha esse conhecimento; ele não tinha essa fé. Se lhe dissessem para fazer algo “em o nome de Cristo”, como o cego, ele perguntaria: “Quem é... para que eu nele creia?” (João 9:36).

Perdão (vv. 32–34)

Paulo e Silas logo retificaram a falta de conhecimento do carcereiro. “E lhe pregaram a palavra de Deus e a todos os de sua casa” (v. 32). “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Romanos 10:17). “A palavra de Deus” provavelmente incluía uma “palavra” sobre o verdadeiro Deus (v. 34) e, com certeza, uma “palavra” sobre Jesus e a cruz. Que isso também incluía uma “palavra” sobre como ser beneficiado pelo sacrifício de Jesus, mais uma “palavra” sobre a vida que viria a seguir é evidente nos versículos seguintes. “Naquela mesma hora da noite, [o carcereiro] cuidando deles, lavou-lhes os vergões dos açoites. A seguir, foi ele batizado e todos os seus”⁴³ (v. 33). O fato

⁴²No mínimo, ele pensou que representavam algum tipo de divindade. ⁴³Alguns tentam provar o batismo infantil pelo fato de toda “a casa” do carcereiro ter sido batizada. Observe, porém, que todos os que foram batizados (v. 33) foram primeiramente ensinados (v. 32) e creram (v. 34). Para mais discussão sobre esse assunto, veja as últimas notas da lição “Atendendo ao Chamado de Deus”.

do carcereiro responder imediatamente⁴⁴ foi uma prova de sinceridade; o fato dele lavar-lhes os vergões foi uma prova de tristeza; o fato dele ser batizado foi uma prova de submissão.

Não sabemos onde o carcereiro e sua casa foram imersos. Pode ter sido em algum tanque próximo, ou podem ter ido para fora da cidade, até o rio Gangites⁴⁵. Depois do batismo, o carcereiro “levando-os [Paulo e Silas] para a sua própria casa, lhes pôs a mesa⁴⁶; e, com todos os seus, manifestava grande alegria, por terem crido em Deus” (v. 34). Ele fora salvo duas vezes em uma única noite, primeiro da morte física e agora da morte espiritual! Sua alma estivera aprisionada pelo pecado com mais segurança do que os corpos de Paulo e Silas estiveram presos nos troncos no cárcere interior, mas agora ele estava livre!

Observe que a palavra “creu” no versículo 34 é usada no sentido amplo, resumindo a totalidade da resposta do carcereiro⁴⁷. Disseram-lhe que se ele crescesse, ele e sua casa seriam salvos (v. 31). Ensinar-lhe a Palavra do Senhor. Depois do arrependimento e do batismo é que foi salientado que ele *tinha* crido.

Não é incomum pregadores denominacionais citarem a pergunta do carcereiro no versículo 30, e depois a resposta do versículo 31, e pararem aí, como se fosse o fim da história⁴⁸. Como disse J.W. McGarvey, eles “saíram da cadeia logo depois”⁴⁹. Quando a história da conversão do carcereiro é examinada na sua totalidade, descobre-se que ele foi salvo dos seus pecados como todos os outros exemplos que estudamos: ensinaram-lhe o evangelho; ele creu em Jesus; arrependeu-se dos seus pecados; foi batizado.

Protesto (vv. 35–40)

A conclusão da história tem um toque de humor estranho. “Quando amanheceu, os pretores enviaram oficiais de justiça, com a seguinte ordem: Põe aqueles homens em liberdade”⁵⁰ (v.

35). Os oficiais provavelmente pensaram que o açoitamento e uma noite no cárcere seriam suficientes para ensinar àqueles judeus agitadores qual era o lugar deles. O carcereiro, aparentemente na companhia dos oficiais dos pretores, “comunicou a Paulo estas palavras: Os pretores ordenaram que fôsseis postos em liberdade. Agora, pois, saí e ide em paz” (v. 36). Como ele disse a Paulo e Silas para “saírem”, tudo indica que eles retornaram à cela da prisão, no final da noite, para evitar complicações ao seu novo irmão. O carcereiro provavelmente ficou contente com o fim da agonia.

Paulo, entretanto, não moveu o pé da cela. Ele encarou os oficiais (lembre-se de que a língua original descreve-os como os portadores de vara que os açoitaram) e “lhes replicou: Sem ter havido processo formal contra nós, nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere, sendo nós cidadãos romanos⁵¹; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles e, pessoalmente, nos ponham em liberdade” (v. 37). Observamos há pouco que era crime grave açoitarem um cidadão romano. Se a notícia de tal conduta chegasse a Roma, na melhor das hipóteses, os pretores perderiam seus cargos, na pior, perderiam as cabeças.

Os oficiais de justiça voltaram rapidamente e “comunicaram isso aos pretores; e estes ficaram possuídos de temor, quando souberam que se tratava de cidadãos romanos. Então, foram ter com eles [pessoalmente] e lhes pediram desculpas” (vv. 38, 39a). A ERC diz: “lhes dirigiram súplicas”. A NVI diz: “vieram para se desculpar diante deles”. Então, “relaxando-lhes a prisão, rogaram que se retirassem da cidade” (v. 39b). Tente visualizar esses oficiais importantes ajoelhados, com o suor escorrendo pela testa, suplicando a Paulo e Silas que deixassem a cidade sem a menor objeção!⁵²

Antes de deixarmos essa cena, convém enfatizar que Paulo não insistiu em seus direitos como

⁴⁴Provavelmente eram duas ou três horas da manhã, quando o carcereiro e sua casa foram batizados. ⁴⁵Poderia haver um tanque dentro da prisão, mas não havia problema no carcereiro levá-los para fora da prisão. Sua função era “guardá-los com toda segurança”, não mantê-los trancados. ⁴⁶Paulo e Silas não teriam comido nada desde quando foram presos. Mais uma vez, a hospitalidade cristã é enfatizada em Atos. ⁴⁷Compare a conversão do carcereiro com a conversão de Crispo: a afirmação de que Crispo creu (18:8) incluiu sua resposta positiva ao batismo (1 Coríntios 1:14). ⁴⁸O argumento é algo assim: “Atos 16:31 não menciona batismo” ⁴⁹J.W. McGarvey, *New Commentary on Acts of Apostles* (“Novo Comentário de Atos de Apóstolos”). Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., p. 103. ⁵⁰Pelo menos um manuscrito antigo indica que os pretores ficaram aborrecidos com o terremoto e concluíram que cometeram um erro ao maltratar Paulo e Silas. Como, porém, a evidência textual é contra esse acréscimo ao texto, não sabemos se foi esse o caso. ⁵¹Aparentemente, Silas tinha cidadania romana assim como Paulo. ⁵²Seria como dizer: “Por gentileza, imploramos, queiram se retirar!”

cidadão romano para despeitar os governantes da cidade (Romanos 12:17, 19). Em vez disso, ele quis esclarecer tudo por amor aos novos convertidos que ali ficariam. Teriam problemas bastantes (Filipenses 1:28–30) sem a complicação adicional de terem de explicar por que seu fundador foi preso, açoitado e posto no cárcere — saindo, depois, da cidade, repentinamente, sob nebulosa suspeita⁵³.

Durante anos, sempre que eu lia essa história, ficava confuso. Por que os oficiais consideraram verdadeiras as palavras de Paulo quanto à sua cidadania romana? Ao que parece, eles não pediram provas para Paulo⁵⁴. Se não exigiram provas, por que todo o mundo não alegava ser cidadão romano a fim de escapar de castigos? Uma ampla pesquisa deu-me algumas respostas alternativas: alegar falsamente a cidadania romana constituía crime mais sério do que maltratar um cidadão romano. “A morte era o castigo por declarar falsa cidadania romana; raramente alguém fazia uma declaração falsa por causa do severo castigo”⁵⁵.

Paulo e Silas provavelmente estavam prontos para mudar-se para um novo campo, de qualquer forma, de sorte que concordaram em consentir com o pedido dos pretores (mais para aliviar os oficiais, creio eu). Fizeram isso, porém, sem precipitação e com dignidade. “Tendo-se retirado do cárcere, dirigiram-se para a casa de Lídia” (Atos 16:40a), que lhes servira de base de operações e talvez até de local de reuniões. Nessa ocasião, uma porção de irmãos estavam reunidos ali; talvez estivessem tendo uma reunião de oração (veja 12:12). “E, [Paulo e Silas] vendo os irmãos, os confortaram” (16:40b)⁵⁶. Os dois evangelistas foram os maltratados; apesar disso,

sua preocupação não era consigo mesmos, mas com aquelas crianças em Cristo. Finalmente, tendo-se despedido, “partiram” (v. 40c). Estava, assim, estabelecida uma congregação — uma congregação que se tornou mais preciosa para Paulo a cada ano que se passava (Filipenses 1:3–8; 4:1).

CONCLUSÃO

Ao refletirmos sobre este texto bíblico, muitas lições vêm à mente relativas a transformação de vidas: 1) não há transformação de vidas sem a ajuda de Deus. 2) Todavia, podemos *cooperar* com Deus, especificamente pregando o evangelho. 3) Compreendendo que Deus é nosso cooperador, podemos agir sempre confiadamente. Há, contudo, uma lição maior que eu gostaria de infundir: *Não existe situação sem esperança*. Se você e eu estivéssemos escolhendo pessoas de Filipos que pudessem ser transformadas, nossa lista provavelmente não incluiria uma escrava meio-louca e um carcereiro romano sádico.

Em *The Discoverers* (“Os Descobridores”), Daniel Boorstin conta a história do Cabo Bojador. Era apenas uma pequena porção de terra na costa africana, beirando o Atlântico, mas no século XV, nenhum navio ousava aproximar-se dele. O Cabo Bojador não era mais perigoso do que muitos outros cabos, mas circularam boatos terríveis sobre o que havia além dele — talvez até o fim do mundo. Para os navegadores daqueles dias, diz Boorstin, aquela era simplesmente uma “barreira mental”⁵⁷.

Que você e eu, ao procurarmos vidas para serem transformadas, não tenhamos nenhuma “barreira mental”. Partilhemos o evangelho com todos!⁵⁸ ❖

⁵³Como Paulo lidou com o problema sem registrar queixas, ele pôde voltar à cidade, mais tarde, sem repercussões da visita anterior (20:1, 2, 6). ⁵⁴A indicação de documentos seculares é que era preciso apenas gritar os termos *civis romanus sum*, “sou cidadão romano”. Paulo teria sido registrado como cidadão de Tarso, mas provavelmente não carregava a prova disso consigo, e levava tempo para mandar buscar uma cópia da certidão de nascimento. ⁵⁵H. Leo Boles, *A Commentary on Acts of the Apostles* (“Um comentário de Atos dos Apóstolos”). Nashville: Gospel Advocate Co., 1976, reimpressão, p. 268. ⁵⁶Coffman chamou isto de “uma das maiores frases da Bíblia” (James Burton Coffman, *op. cit.*, p. 325). Os evangelistas precisavam de ânimo, mas, pelo contrário, animaram os outros. ⁵⁷Durham, p. 192. ⁵⁸Se esta lição for usada como um sermão, o convite pode enfatizar que Deus também pode mudar as vidas dos ouvintes — se eles apenas responderem com fé, como fez o carcereiro.

Autor: David Roper

Série: Atos

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS